

Tecnologia e arte

Há 511 anos,
o italiano Aldo
Manuzio começava
a reinventar
o livro impresso

NELSON MARCOLIN

ΤΑΔΕ ἘΝΕΣΤΙ ἘΝ Τῇ ΔΕ Τῇ ΒΙΒΛΩΙ.
Θεοκρίτου εἰδύμια ρῦτις ἰ μικρὰ ποιήματα
τριακόντα.
τοῦ αὐτοῦ Γένος Ἐπειδὴ ρίσιως τῶν κουκολικῶν.
Κάτων Θεόφωμῶν γνῶμαι ὁμοειρητικῆς δίστασι.
Γνῶμαι ἐπὶ ἀσοφῶν.

Hæc insunt in hoc libro.
Theocriti Eclogæ triginta.
Genus Theocriti & de inuentione bucolicorum.
Catonis Romani sententiæ paræneticæ distichæ.
Sententiæ septem sapientum.
De Inuidia.
Theoguidis megarensis sæculi sententiæ elegiacæ.



REPRODUÇÕES DO LIVRO ALDO MANUZIO: EDITOR, TIPOGRAFO, LIVREIRO

Manuzio e trecho
de *Églogas*,
de Teócrito, edição
bilingüe em grego
e latim, de 1497

Nos seus primeiros 50 anos de história o livro impresso pouco mudou. O alemão Johannes Gutenberg inventou os tipos móveis em 1442 e publicou, em 1455,

provavelmente com Peter Schoffer, a *Bíblia*, tida como o primeiro livro impresso do Ocidente. Até 1494 foram publicados milhares de outras obras, mas foi o tipógrafo, editor e livreiro italiano Aldo Manuzio o responsável por inovações que mudaram a forma de fazer livros no mundo nos 500 anos seguintes. Como editor, foi o primeiro a imprimir os clássicos greco-latinos, indicados por um conselho editorial – algo também inovador, que ganhou o nome de Academia Aldina –, com alguns dos proeminentes espíritos da

época, como Erasmo de Rotterdam. Esses eruditos não só escolhiam os melhores textos da Antiguidade para publicar como faziam a tradução, quando era o caso, os comentários e colaboravam na edição. Participavam da academia 32 intelectuais europeus escolhidos e convidados por Manuzio. Como tipógrafo criou o tipo cursivo – igualmente conhecido como manuscrito, itálico, inclinado ou aldino –, o formato de bolso, a página dupla como unidade formal e a lombada plana. Nas capas, substituiu a madeira pelo cartão, passou a usar pergaminho de cabra como revestimento e a gravar nele o título do livro com ouro aquecido. Por fim, como livreiro, fez o primeiro catálogo com a relação de obras publicadas e respectivos preços e criou o então inédito agrupamento de livros dentro de séries ou coleções. A maioria dessas inovações conserva-se ainda hoje na rotina da produção editorial em todo o mundo.

spunculo per il quale emana una laqua della fontana per artificio pe-
tua in la subiecta concha.

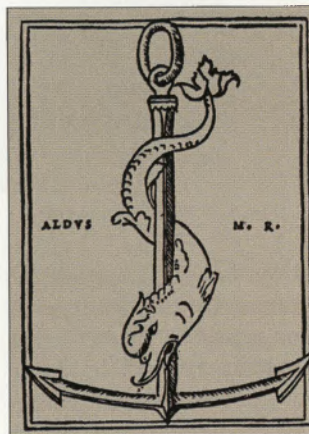
Nel Patore dunque di questo uaso promineua uno pretiosissimo mi-
ticulo, mirabilmente congosto di innumere gemme globose pressamente
una ad altra coacervate, cum inaequale, o uero rude deformatura, le quali
similmente il móculo serapeo rende uano, cū contrufcitiõe di uariis filig-
tri di colore, cum proportionata eminētia. Nel uertice, o uero cacumēte
di quello monticulo, nasceua uno arbutulo di mali punici, di tronco
uero stipite & di rami, & similmente tutto questo composto di oro pre-
cente. Le foglie apponēte di scintillite Smaragdo. Gli fructi alla grandē-
dine naturale di perla collocate, cum il sidio doro ischiantati largi-
mente, & in loco degli grani ardeuano nitidissimi rubini, lo prae omni po-
terio nitidissimi di crassitudine fabacea. Poscia lo ingenioso fabrico di
questa inextimabile factura & copioso effendo del suo discorso
imaginario hauea di scintillato, in loco di Cico gli grani cum
tenuissima bractea argentea. Oltre di questo & ragione uol-
mente hauea factio & alcuni altri mali crepati, una di
granelatura imitatur, oue hauea cōposito cum im-
probato exquisito di crassi unione di candore orienta-
le. Ancora solertemente hauea finito gli balau-
sti facti di perfetto corallo in calici pieni di api-
ci doro. Ultra di questo fora della sum-
mitate del fistulamente uscua stipite
uicua uno ueratile & libero sty-
lo, il cardine imo del qua-
le, era fixo in uno ca-
po peronato, o ue-
ramente firma-
to sopra il medio
della xide. & ascendeua
per il peruo & infisobato tronco.



Il quale stylo fermamente in fixo uno conspicuo uaso di Topacio su-
stentua, di antiquaria forma, la corpulentia imo del quale era lata, cum tu-
midule scindule cincto nella apertura mirificamente di una coronicetta,
sotto la quale era una fistiola ielaustrata d'un altra subiecta. Nella ligē-
tura in quatro quale di uisione appaeti erano quatro alati capituli di pue-
rulo cū quatro stillati spunculi negli labri. Da poscia il residuo si acumina-
ua dua tito, scto la una corpulentia in una obturatiõe sopra l'orificio di una

Aldo Manuzio nasceu por volta de 1450, em Bassiano di Sermonetta, e morreu em 1515, em Veneza. Em pleno Renascimento, as principais cidades italianas brilhavam com a renovação nas artes plásticas, letras e arquitetura, com os olhos voltados para modelos greco-romanos. Nesse ambiente repleto de escritores, pintores, escultores, filósofos, cientistas e – não menos importantes – mecenas, “Veneza toda era ciência e sabedoria”, no dizer de John Ruskin, crítico de arte, pensador e escritor inglês do final do século 19. Foi lá que Manuzio se estabeleceu e onde freqüentava a oficina tipográfica de

Andrea Torresani em 1492, seu futuro sogro. Sob o incentivo do amigo e protetor, o nobre Giovanni Francesco Pico della Mirandola, Manuzio tornou-se editor e imprimiu suas primeiras edições em 1494. Os dois amigos, apaixonados pela língua e literatura gregas, detestavam as péssimas traduções, impressões e edições daquele tempo, conta o catalão Enric Sauté, historiador das artes gráficas, no recém-lançado *Aldo Manuzio: editor, tipógrafo, livreiro* (Ateliê Editorial, 253 páginas). Foi esse tratamento rústico dado aos clássicos que levou o então tipógrafo a considerar seriamente uma velha idéia –



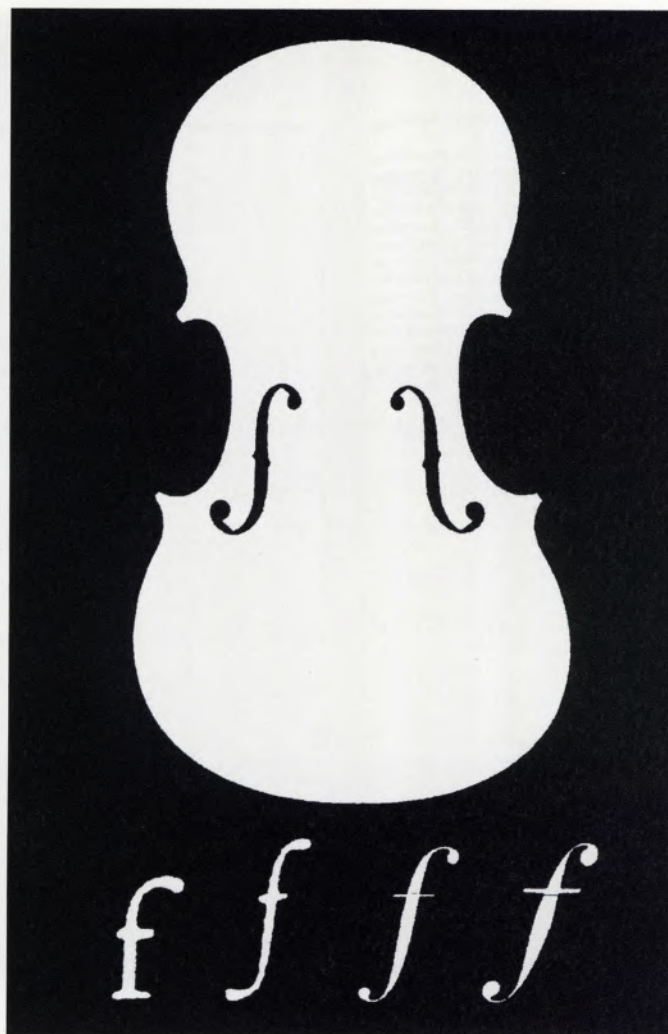
REPRODUÇÕES DO LIVRO ALDO MANUZIO: EDITOR, TIPOGRAFO, LIVREIRO

No alto, o excepcional *Hypnerotomachia*, de 1499. Acima, o logotipo da casa editorial: pioneirismo

a de oferecer a estudantes e estudiosos produtos literários e lingüísticos de primeira qualidade. Além da efervescência cultural de Veneza, havia dois motivos especiais para Aldo se estabelecer na cidade. O primeiro é que o local se tornara a capital mundial da tipografia, com centenas de profissionais na cidade e suas respectivas oficinas. Por volta de 1480, 410 cidades de seis países europeus tinham tipografia, a maior parte na Itália, “como se o país houvesse usurpado a invenção da Alemanha”, comenta Sauté. O segundo motivo era que ali se estabelecera numerosa colônia de exilados gregos, algo muito conveniente para Manuzio, dada a

maior facilidade para se encontrar revisores, calígrafos, tipógrafos, impressores e encadernadores para os textos originais que pretendia editar nessa língua. Antes de mergulhar em edições ambiciosas, Aldo teve o cuidado de editar tratados de gramática, vocabulários e opúsculos de iniciação para o estudo das línguas clássicas. Finalmente, para imprimir os gregos, era preciso, primeiro, conseguir os manuscritos disponíveis, porém dispersos por toda a Europa. Ler, entender e corrigir possíveis falhas em cópias manuscritas de textos milenares era tarefa árdua, especialmente porque a paleografia não estava desenvolvida.

Itálico - Determinado, Manuzio venceu um a um os obstáculos e imprimiu a obra completa de Aristóteles entre 1495 e 1498, em cinco volumes. E mais à frente, em 1513, fez o mesmo com Platão, além de publicar os demais pensadores, dramaturgos, historiadores e poetas da Antigüidade como Xenofonte, Eurípedes, Heródoto, Esopo, Plutarco, Homero, Teócrito, entre tantos outros. Tal produção impulsionou os estudos helenísticos na Itália renascentista e se disseminou pelos demais países, que passaram a publicar os clássicos gregos. Manuzio imprimia também muitos livros em latim e poucos em italiano. No primeiro caso, Ovídio, Virgílio, Cícero, Horácio, para ficar apenas em alguns. No último caso, basicamente Dante Alighieri e Petrarca. O holandês Erasmo de



“Efes do violino”, a mais que provável influência da letra cursiva inventada por Manuzio para os livros de bolso

Rotterdam, o mais famoso humanista de seu tempo, por exemplo, escrevia em latim e chegou a ser seu contratado exclusivo por mais de um ano, algo totalmente inusitado para aquele período. Antes que os livros da casa editorial de Manuzio criassem um novo padrão de excelência na edição e impressão, os tipos de imprensa mais comuns eram moldados sobre alfabetos de tipologia gótica, “em variantes

pesadas e angulosas, de difícil leitura”, explica Enric Sauté em seu estudo. Os primeiros tipos que Manuzio mandou entalhar foram do alfabeto grego, feitos por calígrafos e artesãos gregos radicados em Veneza. Quando começou a editar em latim, o melhor gravador de Aldo, Francesco Griffo, criou um tipo inédito, redondo, longe da tendência de engrossar os traços da letra para tentar obter o peso visual correto. A tipologia cursiva

(ou itálico, como é mais conhecido hoje) foi inventada por Manuzio em 1500, já pensando no lançamento das edições de bolso, projeto feito especialmente para sua adaptação ao formato pequeno. O sucesso do cursivo foi tão grande que suscitou imitações imediatas. Uma provável influência ocorreu num setor distante da tipografia. O violino de quatro cordas surgiu por volta de 1550, segundo todos os indícios, em Cremona (“a cidade dos lendários Amati, Guarneri e Stradivarius”, lembra Sauté). O instrumento tem dois arabescos simétricos e característicos em ambos os lados da ponte, perfurando a tampa harmônica para obter a ressonância acústica correta. Esses arabescos têm a forma inconfundível de uma letra cursiva: os “efes do violino”.

Êxito - As coleções de bolso com suas letras cursivas foram o maior êxito de Manuzio. As primeiras saíram em 1501, com três livros de Virgílio: *Bucólicas*, *Geórgicas* e *Eneida*. Foram mais de 50 títulos, o que significa que ele colocou na praça, entre 1501 e 1506, um título de bolso a cada 60 dias. O preço máximo era de 1 ducado (cerca de R\$ 50) e a tiragem inicial de mil exemplares – sem contar as frequentes reedições. “Era uma proeza, considerando-se que se trata de fenômeno cultural e comercial acontecido há mais de 500 anos”, espanta-se Sauté em seu livro. O mesmo espanto com a qualidade das obras de Manuzio, que colocou em alto patamar o padrão



.i. 65
 Veggam, quando col tauro il sol s'aduna:
 Così gliocchi, miei piangon d'ogni tempo;
 Ma piu nel tempo, che Madonna uidi.
 Chi spiasse canzone
 Quel, ch' i fo; tu poi dir; sott' un gran sasso
 In una chiusa ualle; ond' esce sorga,
 si sta: ne, chi lo scorga,
 v' è, se no Amor, che mai no' l' lascia un passo;
 E l' imagine d' una, che lo strugge:
 Che per se fugge tutt' altre persone.

cvi.
 Bionna, dal ciel fu, le tue trece pioua
 Malu' agra, che dal fiume, e da le ghiande
 Per l' altrui' impouerir se' riana, e grande;
 Pri che di mal opiar tanto ti giora;
 Nido di tradimenti, in cui si toa,
 Quanto mal per lo mondo haggi si spandez;
 Di uin serua, di letti, e di uiazande;
 In qua lussuria fo l' ultima prona
 Per le camere tue fanciulle, e uecchi
 Vanno trescando, e Belzebub in mezza
 Co mantici, e col fuoco, e con gli specchi
 Gia non fostu nudrita in piume al rizzo;
 Ma nuda al uento, e scialza fra li stocchi:
 Hor uini si, ch' a Dio ne uenga il lezzo.

cviij.
 L' auara Babilonia ha' colmo' suo
 D' ira di Dio, e di uiti' impi, e rei,
 Tanto, che scoppia; e ha' san' suoi Dei
 Petr. i

Edição de *As rimas* (1533), de Petrarca, com marcas de nanquim. Hoje é possível ler através da tinta: censura efêmera

tipográfico, gráfico e editorial do livro, ainda se mantém entre os apaixonados pelo objeto livro. “Manuzio foi um gênio ao unir tecnologia e arte para melhorar o livro e torná-lo atraente e funcional”, diz Claudio Giordano, tradutor do texto de Sauté e criador da Oficina do Livro, entidade paulistana que procura preservar, recuperar e manter vivos obras, jornais e documentos esquecidos por editoras, críticos e

leitores. Giordano se refere aos primeiros livros impressos, grandes e pesados, difíceis de carregar e ler com capas de madeira revestida com couro.

Tempo e censura -

O bibliófilo José Mindlin, dono do principal acervo particular de livros raros do país e grande admirador do editor e impressor, é talvez o dono do único exemplar do *Hypnerotomachia poliphili*, de Fernando Colonna, de 1499, no Brasil

(foto na página 11), a edição mais primorosa já feita por Manuzio. “Se fosse publicado hoje, esse livro ainda seria um sucesso, tal a clareza da leitura, a beleza das ilustrações e a qualidade da edição”, acredita. Mindlin mostra uma reedição de 1533 de *As rimas*, livro de poemas de Petrarca em italiano – cuja primeira edição, de 1514, é de Manuzio –, com parte das linhas manchadas. “Como tem alguns sonetos contra

o papa, os editores da época foram obrigados a cobrir os versos com tinta nanquim. Ocorre que hoje é perfeitamente possível ler através da tinta desbotada”, observa. Durante a ditadura brasileira, Mindlin usava a história desse livro como um pretexto para alertar: “O tempo venceu a censura”. Como no livro de Petrarca, o tempo tratou de preservar a relevância da extensa obra inovadora de Aldo Manuzio.